

O pobre nasce em um prologo,
Cria-se sempre lutando,
Aprende quasi correndo
E morre ainda esperando,
Planta feijão em janeiro,
Planta milho em fevereiro,
Na fé de matar a fome;
Trabalha que secca o braço,
Chega-lhe a largata em março,
Tudo que elle plantou come.

Se faz negocio se enrasca,
Se vende fiado, perde,
Se o pae tiver rheumatismo,
Não ha força que o desherde,
Se planta a chuva lhe falta,
Se chove chega a lagarta,
A formiga e o bezouro
Vem tantos que a terra cobre,
Pois, a gallinha do pobre
O ovo que põe é gouro.

Consulta com a mulher
O que poderá fazer,
Ella diz:—plante um roçado,
Se Deus nos deixar colher,
Apura-se um dinheirinho.
Você compra um cavallinho,
Negocia mesmo pouco.
Elle faz o que ella diz,
E se for muito feliz,
Talvez ainda compre um porco.

O pobre tem a mania
Desde seus antepassados
De dizer: Christo foi pobre,
Mas foi pai dos desgraçados;
Diz ao filho não se empalhe
Lute na vida e trabalhe,
Tenha animo não se afflija
Pode Deus nos ajudar
Eu uma noite sonhar
É tirar uma botija.

Faz mais de dez mil promessas
A fim de viver melhor,
Não sei se os santos se enganam
Que cada vez fica peor,
Não blasphema, se consola
Do pouco que tem dá esmola,
E cada vez mais se atraza
Diz-lhe a mulher: Meu marido!

Você está quasi perdido
E foi caipora da casa.

Menino pobre e viuva
 Qualquer pessoa os engana,
 Viuva com casamento,
 E menino com banana.
 O pobre é facil enganar,
 Com projecto de enricar ;
 Engana-o como de facto,
 Meu avô sempre dizia,
 Sempre sempre repetia
 Todo homem pobre é pato.

Ha um dogma na doutrina
 Que nos trata da pobreza,
 Ha outro tambem que diz,
 Que no céu ha bém riqueza.
 Os santos não eram pobres
 Só se fala em santos nobres
 Em S. Luiz rei de França;
 Sô o pobre é que se arrisca.
 Tendo S. Lazaro por isca
 Para pegar esperança.

Dizem os padres que esmola
 Bota no céu velho e moço,
 Diz outro : esmola é vassoura,
 Que nos deixa limpo o bolso.
 Ouvir missa é devoção,
 Presta se toda attenção

A missa, terço e novena,
 Pode-se ganhar a palma,
 Trabalha-se, salva-se a alma,
 Mas a algibeira faz pena.

Por isso digo, a pobreza
 Não pode ser bôa cousa,
 Morre vae para o chão puro;
 Tem o monturo por lousa.
 Ao passo que o rico morre,
 E tudo após d'elle corre
 Lhe offerecendo seu prestimo;
 Entretanto morre o pobre
 Tudo de prazer se cobre,
 Ri-se até o dia setimo.